

TOPICALIDADE NA FALA E NA ESCRITA¹

Edair Gorski*

Resumo

Este artigo trata da topicalidade como uma propriedade geral de organização do discurso e investiga a codificação do tópico semântico-discursivo na narrativa como resultante de motivações basicamente cognitivas e comunicativas. Resultados empíricos de análise de narrativas de experiências pessoais mostram que o tópico se organiza de modo hierarquizado e que tal hierarquia se projeta igualmente na fala e na escrita. A diferença entre as duas modalidades se manifesta no nível das unidades de codificação que linearizam sintaticamente no discurso a estrutura hierarquizada da narrativa.

Abstract

This paper deals with topicality as a general property of discourse organization and investigates the semantic-discursive topic coding in narrative as resulting from both cognitive and communicative motivations. Empirical results of personal experience narrative analysis show that topic is hierarchically organized and that such hierarchy is equally projected on speech and writing. The difference between the two modalities arises at the level of coding unities which syntactically represent the narrative hierarchic structure in discourse.

Palavras-chave

Cognição; discurso; tópico; subtópico; fala; escrita

Key-words

Cognition; discourse; topic; subtopic; speech; writing

1. INTRODUÇÃO

Adota-se neste trabalho uma perspectiva funcionalista segundo a qual, para compreender o uso da língua na comu-

nicação, é preciso estabelecer correlações entre discurso e cognição. Nesta linha, a gramática é interpretada como “instruções de processamento mental” (Givón, 1991a:07), portanto como parte do “complexo mapeamento entre pensamento e fala” (1995:305). Ou ainda como um “conjunto de estratégias empregadas para se produzir uma comunicação coerente” (1993:01). Nesse caso, tanto a função comunicativa quanto a coerência podem ser definidas em duas direções: heurísticamente, como um artefato observável no texto; ou cognitivamente, como um processo na mente de quem produz e compreende textos (1995:343). Nestas duas direções pretende-se desenvolver o presente estudo.

O artigo se organiza em cinco seções, além da introdução: a primeira trata do tópico e sua estruturação hierarquizada e linearizada no discurso; a segunda aborda o modelo de discurso narrativo na perspectiva do falante e do ouvinte; a terceira traz a metodologia utilizada; a quarta apresenta a análise e discussão dos resultados; a última apresenta as considerações finais.

2. CONCEPÇÃO DE TÓPICO

O tópico é abordado neste trabalho como uma categoria híbrida que se organiza semanticamente de modo hierarquizado e sintaticamente de modo linearizado no discurso. No âmbito da frase, o tópico é explicitamente mencionado pelo falante, podendo ser codificado com diferentes graus de proeminência (tópico primário ou secundário), ou através de diferentes mecanismos de codificação que incluem a forma (SN pleno, pronome ou anáfora zero) e a ordenação pragmática (deslocamento, contraste etc) (Givón, 1990;1993). Já o tópico semântico-discursivo distribui-se ordenadamente por graus de abrangência, de modo que tópicos mais gerais dominam ou recobrem tópicos que sejam especificações do tópico global; daí podermos falar de tópicos e subtópicos. Tal abordagem é compatível com a visão de Givón de que o texto é representado na memória episódica como uma “rede de nós conectados”, com uma estrutura hierárquica e seqüencial (1995:345). Essa rede de nós é acessada através

¹ Trata-se de uma rediscussão de parte de minha tese de doutorado, defendida na UFRJ em 1994.

* Professora de Linguística no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina.

de diferentes tipos de busca: a) busca a curta distância dentro do nó temático corrente; b) buscas dirigidas ao nó temático precedente; c) buscas dirigidas ao nó temático dominante; d) buscas guiadas por informação específica (1990:941).

Para Givón, os nós que se conectam em rede formando uma cadeia temática são identificados através de referentes nominais tópicos (e não de temas abstratos, por exemplo), uma vez que, entre outras razões, os referentes nominais são perceptualmente mais salientes (1995:380). No que se refere ao processamento referencial, o autor considera que, do ponto de vista do ouvinte, o discurso engloba dois aspectos importantes: o *acesso ao referente* e sua *importância temática*. O acesso ao referente que está no foco da consciência se dá pela busca na memória examinando contextos partilhados deitivamente, através do modelo mental da situação de fala; culturalmente, mediante busca no estoque de conhecimentos genéricos armazenados na memória semântica permanente; e textualmente, pela procura no discurso precedente armazenado na memória episódica. Já a importância temática do referente que vai ser introduzido no modelo mental do ouvinte é sinalizada pela ativação da atenção através de mecanismos de codificação que operam como instruções de processamento mental. Quando um referente tópico é ativado, serve como endereço do arquivo ou nó que vai receber e estocar a informação relativa a ele na memória episódica. (1990:902-41).

A argumentação de Givón exposta no parágrafo precedente diz respeito ao tópico referencial, ou sintático-discursivo. Considerando, no entanto, a unidade discursiva global, parece possível ampliar o domínio de abrangência dos procedimentos acima para o âmbito do tópico semântico-discursivo. Dessa forma, admite-se que a *organização do tópico discursivo* envolve a ativação de arquivos (tópicos/nós temáticos) sob cujo domínio se localizam outros arquivos (subtópicos), numa estrutura hierarquizada. Os tópicos semântico-discursivos são mantidos por algum tempo desenvolvendo-se em subtópicos (ativação contínua de arquivo aberto corrente), até que se passe para um novo tópico e assim sucessivamente (ativação de novo arquivo), prevendo-se possíveis retornos a um tópico já abordado anteriormente (reativação de arquivo). Neste último caso, ocorreria uma aparente digressão, correspondente a deslocamentos no plano linear da codificação, mas não no plano hierarquizado da organização semântica, pois neste nível todas as informações acabam se acomodando em seus respectivos arquivos. Os tópicos/subtópicos não precisam ser denominados explicitamente, mas precisam ser reconhecidos; eles funcionam como uma espécie de síntese de fatias de conteúdo e, neste sentido, identificam um arquivo, ou seja, assinalam o lugar de uma seqüência na organização discursiva, permitindo ao ouvinte localizar a posição que eles ocupam no esquema hierarquizado do discurso.

Tanto na perspectiva do falante quanto na do ouvinte, tópicos e subtópicos organizam-se em camadas, precisando ser apreendidos e controlados para que a comunicação se efetive. Já na perspectiva do analista, além da necessidade

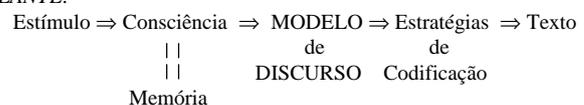
de se captar o seu grau de abrangência, é preciso explicitá-lo, conferindo-lhe um rótulo (*label*) adequado, de modo a recobrir a seqüência discursiva sob seu domínio. O mecanismo de explicitação do tópico semântico-discursivo é semelhante ao processo de identificação do referente que é tópico frasal, no sentido de que se procura saber *sobre o que se fala*. O que distingue os dois processos é o fato de que enquanto o tópico referencial é codificado na frase, portanto concretamente audível (ou visível), o tópico semântico-discursivo não é explicitamente codificado, necessitando ser depreendido e então nomeado.

3. MODELO DE CONSTRUÇÃO DO DISCURSO NARRATIVO

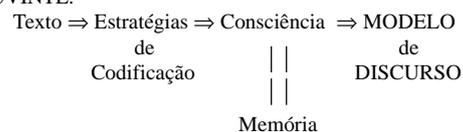
A narrativa pode ser definida como relato de fatos passados, armazenados e disponíveis na memória. Considera-se, de acordo com Goffman (1974), que o propósito de uma narrativa seja o de recriar, na mente do ouvinte, algo similar à representação mental que o falante tenha de um acontecimento. Propõe-se a seguinte representação do modelo de construção do discurso narrativo pelos interlocutores (com base em Chafe (1977; 1980), Webber (1981), Van Dijk & Kintsch (1983), Tomlin (1987), Van Dijk (1988), Scliar-Cabral (1991) e Givón (1990; 1991; 1993)).

Figura 1: Representação da construção do modelo de discurso narrativo.

FALANTE:



OUVINTE:



Na perspectiva do falante, o estímulo corresponde à origem da experiência e chega ao nível da consciência através da percepção (interpretação do estímulo), sendo estocado na memória na forma de um modelo da situação. Ao lado de modelos, a memória armazena informações tanto relativas a conhecimento lingüístico quanto relativas a esquemas e *frames*, ambos refletindo aspectos padronizados de conhecimento, organizados em estruturas cognitivas, devido à recorrência de fatos particulares em nossa experiência cotidiana. Enquanto ativadas, essas informações permanecem no foco da consciência; se inativadas, permanecem de algum modo guardadas na memória permanente.

No processo comunicativo (no caso específico das narrativas), o *input* que vem à consciência sai da memória. A ativação mental do modelo da situação a ser relatada aciona um modelo de discurso, traduzido em termos de um

esquema estrutural e conceptual básico que vai sendo preenchido à medida que o texto vai sendo produzido, mediante processos interpretativos. O modelo de discurso se materializa através de estratégias de codificação que são orientadas, em termos gerais, pelos princípios cognitivos da iconicidade e da marcação, por esquemas discursivos que organizam as informações em tópicos e subtópicos semânticos, por pressões discursivas que atuam, por exemplo, no controle do tópico referencial e na distribuição da informação em função do teor de novidade que lhe está associado, e por convenções gramaticais.

O modelo de discurso vai sendo construído num processo interativo entre a ativação permanente da consciência (com buscas na memória) e a produção do texto. O texto é, por sua vez, o ponto de partida para o ouvinte construir o seu modelo de discurso. As estratégias lingüísticas usadas pelo falante sinalizam ao ouvinte o modo como ele poderá construir a sua própria representação mental. Nesse sentido, é pertinente a definição que Prince dá para texto como “um conjunto estruturado de instruções de um falante para um ouvinte sobre como construir um modelo de discurso particular” (1981:235).

Na perspectiva do ouvinte, então, operações mentais específicas são acionadas pelos mecanismos gramaticais e discursivos presentes na codificação do texto e pelo conteúdo que veiculam. Essas operações envolvem dois domínios cognitivos: ativação da atenção em tópicos referentes e tópicos semântico-discursivos, e busca no estoque de memória, com vistas à organização das informações. Tudo se dá como se as buscas ocorressem na memória de curto termo (modelo mental do contexto imediato); na memória episódica (onde o modelo de discurso projeta um modelo da situação a que o texto se refere); e na memória permanente (em que estão armazenados *frames* semântico-culturais e esquemas discursivos). As buscas são detonadas e orientadas por mecanismos de codificação lingüística (sintaxe funcional) que envolvem o modo de embalar a informação no discurso. A ativação da atenção e as buscas na memória operam interativamente na construção do modelo de discurso do ouvinte.

Parece viável considerar que, paralelamente ao processo de padronização de modelos de situação recorrentes em *frames*, ocorre também um processo de padronização de modelos de discurso recorrentes, em esquemas discursivos. E que tanto uns quanto outros fazem parte do complexo de fatores cognitivos, comunicativos e culturais que influenciam a organização, a produção e a interpretação do discurso. Esta é uma proposta inferencial no sentido de que se espera encontrar inferências (mais do que evidências) da construção do modelo de discurso, ou da utilização de esquemas discursivos pelos usuários.

4. METODOLOGIA

Este estudo está centrado em vinte e cinco narrativas de experiências pessoais produzidas oralmente e por escrito

por igual número de falantes do português, homens e mulheres, assim distribuídos quanto à escolaridade: quinze informantes do 3º grau, cinco do 2º grau e cinco do 1º grau. São analisados, portanto, cinquenta textos. Os dados fazem parte do *corpus* do Programa de Estudos Discurso & Gramática - UFRJ, tendo sido coletados com um intervalo de tempo de cerca de uma semana entre a versão oral e a escrita do mesmo assunto.

A questão geral que orienta a investigação pode ser assim formulada: como se dá a codificação do tópico semântico-discursivo na narrativa? E como desdobramento: há diferenças entre fala e escrita no que se refere à codificação do tópico semântico-discursivo? A hipótese é que tal codificação se dá a partir de uma estrutura hierarquizada em que as informações se organizam em tópicos e subtópicos, não havendo diferenças entre a narrativa oral e sua contraparte escrita.

Dada a natureza do fenômeno pesquisado, a função (tópico semântico-discursivo) só é captada em sua manifestação na codificação lingüística, ou seja, na forma que lhe serve de suporte. Assim, realiza-se um percurso interativo que vai da função à forma e desta novamente à função.

Os dados receberam tratamento qualitativo e quantitativo. Inicialmente procurou-se captar a estrutura narrativa organizada em episódios e eventos, assim entendidos: o episódio corresponde a uma espécie de cenário com localização espaço-temporal dos participantes, constituído por um conjunto de eventos relacionados; o evento corresponde a um “centro de interesse” (Chafe, 1980) contendo ações/estados com graus variáveis de integração. Procedeu-se, então, a uma análise comparativa em que se cotejou a versão oral e escrita de cada informante, para apreensão dos tópicos e subtópicos semântico-discursivos correlacionados respectivamente aos episódios e eventos. Todos os tópicos e subtópicos presentes nos dois canais foram nomeados por ordem de aparecimento na narrativa.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1. Episódios orais vs. escritos

O episódio de abertura da narrativa apresenta características peculiares, comportando-se como pano de fundo que contextualiza o desenrolar dos acontecimentos; é considerado, por isso, como macroepisódio. A mudança de episódio está vinculada à (re)orientação, que pode se dar em termos de espaço, de tempo e de participantes, ou seja, à mudança de cenário. Esses critérios orientaram a segmentação das narrativas em seus episódios constitutivos.

Comparando-se as narrativas aos pares, verifica-se que vinte, dos vinte e cinco informantes, relataram sistematicamente os mesmos episódios oralmente e por escrito, perfazendo um total de 140 pares de episódios desenvolvidos em torno do mesmo tópico rotulado (o que corresponde a 96,5% dos dados). Esse resultado faz supor que as idéias

mais gerais, os grandes nós, é que são mais facilmente estocados na memória e posteriormente ativados. No que se refere à versão oral, três dos informantes deixaram de mencionar um episódio que relataram, posteriormente, por escrito. Na versão escrita, dois informantes deixaram de redigir o último episódio relatado oralmente. Nas 25 narrativas analisadas, a distribuição dos episódios na fala e na escrita foi a seguinte.

Tabela 1: Frequência da episódios codificados em cada canal, e percentual com base nos tópicos rotulados.

	Narrativa oral		Narrativa escrita	
	Freq.	%	Freq.	%
Tópicos rotulados	145	100	145	100
Episódios codificados	142	97,0	143	98,6
Comuns a NO e NE	140	96,5	140	96,5

A diferença (3,5%) verificada entre os episódios codificados igualmente na fala e na escrita e o total de tópicos rotulados fica por conta de algumas omissões e de um caso de integração de dois episódios em um. As omissões se dão em desdobramentos de tópicos centrais e não chegam a afetar a sequencialidade das ações. Excluídos esses casos, ficamos com mais de uma centena de episódios codificados simetricamente nos dois canais, o que é uma forte evidência para a hipótese de que não existem diferenças relevantes entre fala e escrita no que se refere ao plano semântico-discursivo.

A simetria na ordenação sequencial dos episódios nos dois canais só é quebrada em uma narrativa em que a informante desloca um dos episódios na escrita. Ao relatar *Momentos de angústia* vividos em decorrência do desaparecimento do filho com a babá, a informante traça o perfil da babá como segundo episódio na fala e registra este mesmo episódio como o quarto na escrita. Vejam-se as seqüências:

(01) Narrativa oral (N8O-3F-MCB)

Macroepisódio: Contextualização

bem, neste dia o meu filho, o mais novinho, ele era ainda bebê não tinha um ano ainda e eu saí de casa para trabalhar

Episódio 2: O perfil da babá e recomendações

era uma babá nova que estava com a gente há uma semana

mas ela era indicada pelo porteiro

era parente do porteiro e tal

eu achava a babá assim meio esquisita

porque eles eram muito religiosos, uma seita aí meio estranha

ela rezava alto

acendia vela e tal

e tinha uma cara assim meio sinistra

mas enfim era uma pessoa indicada

o porteiro já estava trabalhando no prédio há muitos anos e tal

e eu disse a ela: você sai com o menino e fica só aqui na frente do prédio passeando, chegar aquela hora você sobe e tal (...)

(02) Narrativa escrita (N8E-3F-MCB)

Macroepisódio: Contextualização

Uma ocasião, quando meu filho mais novo era ainda bebê

eu acho que vivi o momento mais angustiante de minha vida

Episódio 2: Constatação do desaparecimento do filho

Ao voltar do trabalho, perto da hora do almoço, constatei que ele não havia subido do passeio com a babá. Minha inquietação começou ali.

Episódio 3: Busca do filho na vizinhança

Procurei pelo prédio depois fui perguntando ao porteiro, às pessoas que estavam na rua, que eu conhecia, até aos vendedores pois como sempre morei por ali, todos nos conheciam.

Episódio 4: O perfil da babá e angústia da mãe

A angústia era grande, pois a babá era nova, trabalhava lá em casa há apenas uma semana. Embora fosse parente do porteiro, eu achava meio esquisita porque, à noite, ficava no quarto rezando alto, com vela acesa, numa atitude meio fanática.

Não precisa dizer que se passaram mil coisas na minha cabeça: que era louca e sumira com meu filho; que era fanática e resolveu exorcizá-lo ou oferecê-lo em sacrifício em alguma cerimônia; enfim, eu não sabia mais o que pensar (...)

A justificativa discursiva para o deslocamento está na própria constituição do episódio: na fala, o perfil da babá entra para justificar as recomendações a respeito do cuidado com a criança; na escrita, aparece para justificar a angústia da mãe, mencionada àquela altura da narrativa. O fato relevante aqui é que o episódio foi relatado em ambos os canais.

O paralelismo verificado na distribuição das informações em episódios, ou seja, nos tópicos relatados nos canais de fala e de escrita, além de sustentar a hipótese de que não há diferenças relevantes nos dois canais, é evidência favorável à funcionalidade da noção de esquema discursivo orientando a distribuição das informações no discurso narrativo.

5.2. Eventos orais vs. escritos

Embora sua função básica na narrativa seja a de encaminhar cronologicamente as ações, os eventos podem

também corresponder a ações que dão continuidade ao fluxo discursivo mas que não avançam temporalmente o relato; e podem ainda consistir em estados ou situações descritivas que acompanham em segundo plano o desenrolar das ações. Na caracterização do evento foram levados em conta os seguintes fatores: a seqüencialidade (no sentido de que a percepção da seqüencialidade na linha de tempo real é, em geral, representada pela codificação de ações perfectivas que encadeiam a narrativa); a oposição figura/fundo (considerando que o fundo, caracterizado pela imperfectividade, desempenha papel relevante como elemento integrador de ações/estados num evento, em função de seu caráter cotemporal); e a noção de âncora (caracterizada sintaticamente pela integração de uma informação de maior relevo a outra que lhe serve de complementação ou detalhamento).

Verificou-se, na distribuição geral dos dados, que a maioria dos subtópicos encontra correspondência linear entre fala e escrita. Todavia, diferentemente dos episódios, que se ordenam praticamente de maneira biunívoca nos dois canais, os eventos apresentam variações em sua distribuição, decorrentes de fatores que serão discutidos em seguida. A distribuição dos eventos das 25 narrativas analisadas, incluídos os eventos iniciadores de episódios, é a seguinte:

Tabela 2: Frequência de eventos codificados em cada canal, e percentual com base nos subtópicos rotulados

	Narrativa oral		Narrativa escrita	
	Freq.	%	Freq.	%
Subtópicos rotulados	582	100	582	100
Eventos codificados	526	90,5	410	70,5
Comuns a NO e NE	354	61,0	354	61,0
Específicos do canal	172	29,5	56	9,5

A leitura dos números indica que as narrativas apresentam 526 eventos codificados na fala (90,5% do total rotulado) e 410 na escrita (70,5% do total rotulado). Desses, 354 foram codificados tanto na fala como na escrita, com correspondência de um-para-um em ambos os canais, o que corresponde a 61% da totalidade de subtópicos rotulados para os dois canais. Observa-se ainda que 172 eventos (29,5% do total) foram codificados somente na fala e 56 (9,5% do total) foram codificados somente na escrita. Ou seja, os informantes deixaram de codificar na escrita 172 eventos e omitiram na fala 56 eventos.

Uma análise do *corpus* mostra que a diferença numérica verificada entre os canais deve ser, em princípio, interpretada como indicativo de que os eventos não se constituem internamente da mesma maneira, conforme evidenciamos em seguida. Por outro lado, a aproximação numérica não implica paralelismo na ordenação cronológica dos eventos, que por vezes aparecem deslocados ou intercalados na narrativa.

Será abordado, inicialmente, o aspecto diferenciador dos dois canais, considerando-se os eventos computados

como específicos de canal. Postula-se que há três fatores que causam a diferença quantitativa: a integração, a inferência e, em menor escala, a ausência do evento. Com relação a esses fatores, os eventos específicos de canal distribuem-se conforme indicativo da tabela abaixo. Em cada modalidade de narrativa aparecem computados os “não codificados” naquele canal.

Tabela 3: Frequência dos eventos não codificados explicitamente em cada canal, e percentual com base no total de subtópicos rotulados (582).

	Narrativa oral		Narrativa escrita	
	Freq.	%	Freq.	%
Eventos integrados	17	2,9	86	14,7
Inferidos	10	1,7	35	6
Ausentes	29	4,9	51	8,8

Esta tabela constitui-se em desdobramento da tabela 2. Os eventos que aparecem integrados e inferidos e os eventos ausentes na fala correspondem aos 56 que foram computados como específicos do canal da escrita, na tabela 2. Em contrapartida, os integrados, inferidos e ausentes na escrita equivalem aos 172 tidos como específicos da fala, na tabela 2. Verificaremos que as diferenças em termos de distribuição da informação em subtópicos nos dois canais situam-se, na verdade, nos eventos ausentes.

Focalizamos, a seguir, cada um desses tipos, ilustrando com exemplos. A maior diferença quantitativa entre os dois canais está correlacionada aos graus variáveis de integração dos eventos. Encontramos frequentemente dois ou mais eventos da fala codificados como um único evento integrado na escrita. Exemplificando:

(03) Narrativa oral (N3O-3F-PAB)

Episódio 2: Acidente com o carro

Evento 1: *Tentativa de ultrapassagem*

ele foi cortar um carro

Evento2: *Derrapagem e rodada na pista*

de repente o carro derrapou
começou a rodar na pista

Evento 3: *Batida no muro 1*

rodava
batia num lado do muro

Evento 4: *Batida no muro 2*

rodava, rodava
batia no outro

Evento 5: *Comentário sobre o episódio*

aquela loucura o carro rodando

Evento 6: *Queda no mato*

e aí caiu no meio do mato virado

(04) Narrativa escrita (N3E-3F-PAB)

Episódio 2 : Acidente com o carro

Evento Integrado: *Acidente com o carro*

de repente quando meu namorado tentava ultrapassar um carro,

o nosso derrapou

e rodou no meio da pista

batendo em ambas as proteções que cercam a mesma e caindo no mato

A informante codificou o episódio do acidente com o carro em seis eventos no relato oral e em um único evento na escrita. Dos seis, o único evento que não foi mencionado na escrita foi o comentário sobre o episódio; todos os outros estão compactados num evento integrado. O relato oral desse episódio representa passo-a-passo a seqüência de ações, codificadas em unidades simples que alternam ações perfectivas com ações durativas (cujo aspecto é reforçado pela repetição), reconstituindo iconicamente a cena original em seus detalhes. Já no relato escrito a informante elabora as informações, condensando-as em estruturas lingüísticas mais complexas que se organizam em unidades de codificação sintática e semanticamente integradas.

Vale a pena registrar aqui a observação de Chafe (1980:31-2) de que os graus maiores de integração são relativamente raros na fala espontânea, sendo mais freqüentemente encontrados na escrita, uma vez que a estratégia de subordinação, que favorece a integração, requer uma concentração maior de focos da consciência no processo de verbalização, o que dificulta a tarefa do falante devido às limitações de capacidade e duração de cada foco.

Outro aspecto digno de nota, e também relacionado ao fenômeno da integração semântica de eventos, diz respeito à maior quantidade de material fônico utilizado na fala em relação ao material gráfico da escrita. A seqüência do relato falado contém maior número de unidades descritivas que vão dando suporte à reconstituição passo a passo dos acontecimentos. Já o relato escrito deixa uma margem maior a inferências, como se pode verificar em:

(05) Narrativa oral (N3O-3F-PAB)

Episódio 4: *A chegada ameaçadora de um caminhão*

(...)

Evento 2: *Descida do motorista*

o motorista saltou

Evento 3: *Descida do acompanhante*

o outro também

Evento 4: *Aproximação dos caminhoneiros*

aí eles vieram andando assim meio sinistros olhando pra gente

Evento 5: *Reação de susto das vítimas*

a gente não sabia o que fazia

as meninas querendo correr, atravessar a rua

e eu apavorada

a gente rezando

(06) Narrativa escrita (N3E-3F-PAB)

Evento 1: *Parada do caminhão e descida dos ocupantes*

no momento em que ficamos sozinhas

um caminhão parou

saltando dois homens muito estranhos.

Evento 2: *Aproximação dos caminhoneiros*

*

Evento 3: *Reação de susto das vítimas*

ficamos todas assustadas

O evento 2 da narrativa escrita é inferido da situação discursiva como a causa do susto das vítimas. É importante lembrar, aqui, o comentário de Van Dijk (1985) de que “o narrador normalmente deixa fora muitos componentes intermediários de fatos e ações, os quais, supõe-se, são deriváveis do conhecimento de mundo [...] mesmo uma ação principal decisiva pode, algumas vezes, ser omitida, se as condições e as conseqüências são dadas [...] os laços de coerência podem ser reconstruídos, formal ou cognitivamente, em nossa memória” (p.63). Tanto o mecanismo semântico-sintático da integração de eventos quanto a estratégia cognitiva da inferência são grandemente responsáveis pelo menor número de eventos na escrita.

Ao contrário da ordenação relativamente fixa dos episódios na fala e na escrita, deslocamento ou intercalação de eventos costumam ocorrer na passagem de um canal para outro. Tal mecanismo de codificação, entretanto, não interfere no quantitativo de eventos, como ocorre com a integração e a inferência. Observem-se, a esse respeito, os exemplos a seguir, onde os eventos 1 e 2 do episódio 4 aparecem deslocados.

(07) Narrativa oral (N18O-2F-APA)

Episódio 3: (...)

Evento 5: *Sem saber o que fazer*

mas na hora o nervoso foi tanto que eu não sabia o que fazia

Episódio 4: O Pânico

Evento 1: *Preocupação com os livros*

aí um desespero

porque a primeira reação que eu tive

em vez de eu interfonar pro porteiro alguma coisa eu

juro eu peguei os meus livros assim: “não posso ficar sem os livros mas eu tenho que sair daqui e levar”

Evento 2: *Salvamento de bicho e fotos*

aí peguei um bichinho de pelúcia que eu tenho que

eu estimo muito e o retrato do meu afilhado

foram as coisas que eu peguei

Evento 3: (...)

(08) Narrativa escrita (N18E-2F-APA)

Episódio 3: (...)

Evento 5: *Sem saber o que fazer*

desesperada, corri de um lado para outro sem saber o que fazer

Episódio 4: O Pânico

Episódio 1: *Salvamento de bicho e fotos*

peguei então meu bicho de pelúcia que mais estimo e umas fotos que estavam em cima da minha escrivaninha

Evento 2: *Preocupação com os livros*

a minha idéia naquele momento era sair de casa mas como ia deixar meus livros pegarem fogo? e o vestibular?

Note-se que a seqüência discursiva precedente ao episódio em foco é similar nos dois canais: tanto na fala como na escrita, a informante relatava que não sabia o que fazer naquela situação. O próprio tópico do episódio que vem a seguir, *O pânico*, pode justificar a inversão da ordem dos eventos iniciais que o constituem: enquanto na narrativa oral a preocupação com os livros está codificada antes do cuidado com outros objetos, na escrita o salvamento do bicho de pelúcia e das fotos precede a preocupação com os livros.

Foram encontrados também casos de intercalação de eventos, conforme ilustrado:

(09) Narrativa oral (N3O-3F-PAB)

Episódio 3: Saída para o acostamento

Evento 1: *Saída do local*

a gente saiu correndo que a gente pensou que o carro fosse explodir...

Evento 2: *Avaliação dos danos*

felizmente graças a Deus ninguém se machucou seriamente só arranhou, essas coisas

Evento 1: *Saída do local (cont.)*

aí a gente saiu todo mundo apavorado né

Evento 3: (...)

(10) Narrativa escrita (N3E-3F-PAB)

Episódio 3: Saída para o acostamento

Evento 1: *Avaliação dos danos*

nossa sorte foi que ninguém se machucou seriamente

apesar do carro ter ficado totalmente destruído

Evento 2: *Saída do local*

saímos para o acostamento da estrada

Evento 3: (...)

No caso do relato oral, onde ocorrem as intercalações, a retomada do evento reorienta coesivamente o discurso, ativando o tópico no foco da consciência. Já a escrita não utiliza tal mecanismo de coesão, provavelmente porque o material anteriormente codificado permanece registrado para eventuais retomadas de leitura.

Na comparação da fala com a escrita, tem-se evidenciado que, enquanto integração e inferência interferem quantitativamente nos dados, deslocamento e intercalação não influenciam no quantitativo. Qualitativamente, porém, em nenhum dos tipos se configura ausência de informação

relativa a ação/estado que constitui um evento; ou seja, os subtópicos estão presentes nos dois canais, com características diferenciadas. Tais características envolvem basicamente aspectos sintático-semânticos (no caso da integração), cognitivos (no caso da inferência) e de ordenação linear (no caso do deslocamento e da intercalação). Passemos, agora, aos eventos ausentes. A distribuição, por tipo de evento, é a seguinte:

Tabela 4: Frequência de eventos ausentes em cada canal, e percentual com base no total omitido.

	Narrativa oral		Narrativa escrita	
	Freq.	%	Freq.	%
Evento de contextualização	05	17	08	16
Evento de avaliação	05	17	15	29
Demais tipos	19	66	28	55
Total de eventos ausentes	29	-	51	-

Procurando identificar os eventos ausentes nos dois canais, verificamos que grande parte deles constitui episódios já mencionados como ausentes das narrativas. Quanto às demais omissões, alguns fazem parte do macro-episódio, sendo portanto eventos que deveriam caracterizar o relato, ou localizar no tempo/espaço o acontecimento; outros são eventos de avaliação que se alternam entre aqueles que conduzem o fio narrativo; outros ainda correspondem a justificativas de ação anterior, ou são hipotéticos referindo-se a suposições acerca de possíveis atos, ou reproduzem diálogo com alternância de turnos. Em nenhum dos casos, a omissão do evento mostra-se significativa para a compreensão global do episódio.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que, em termos gerais, houve correspondência nos dois canais em relação aos episódios e eventos lembrados e relatados (aspecto semântico-cognitivo e discursivo). Esse resultado constitui-se em evidência favorável à funcionalidade da noção de esquema discursivo orientando a distribuição das informações na narrativa.

No que se refere às diferenças verificadas entre os canais, é importante destacar que: a) a discrepância quantitativa indicada pelos números nas tabelas não revela a caracterização real dos dados que, qualitativamente, aproximam a fala e a escrita em relação à organização da narrativa em episódios e eventos, no sentido de que informações ditas tendem a ser escritas; b) as diferenças reais verificadas entre fala e escrita dizem respeito ao nível sintático-discursivo, estando diretamente associadas ao mecanismo de codificação lingüística.

A codificação escrita propicia a apresentação de eventos integrados, de modo que subtópicos distribuídos em dois ou mais eventos autônomos na fala, representando passo-a-passo a seqüência de ações, aparecem frequente-

mente vinculados em um único evento na escrita, refletindo a percepção integrada de ações/estados. A codificação escrita também dá margem a maior número de eventos inferidos, uma vez que tanto do ponto de vista do emissor como do receptor, existe maior flexibilidade no processamento da informação, principalmente devido à baixa interferência do fator tempo.

No que se refere a intercalações de eventos, o canal privilegiado para esse mecanismo de codificação é a fala. As intercalações presentes nos dados são sistematicamente não seqüenciais e, em sua maioria, de caráter avaliativo. O evento que é interrompido é retomado posteriormente para dar continuidade à seqüenciação narrativa, garantindo, dessa maneira, a coesão discursiva. Tal mecanismo faz-se necessário na fala, em virtude das restrições cognitivas impostas ao processamento da informação que é veiculada oralmente (Chafe, 1980), e tendo em vista a construção do modelo de discurso pelos interlocutores. Na escrita, mais uma vez, retomadas desse tipo são desnecessárias devido a características inerentes ao canal, e, em consequência disso, não se verificam intercalações de eventos.

Concluindo, podemos reafirmar que o discurso narrativo pode ser representado por uma estrutura hierarquizada de episódios e eventos, correspondentes a tópicos e subtópicos semântico-discursivos, numa espécie de rede conectada. Tal hierarquia de topicalidade se projeta igualmente na fala e na escrita. A diferença se manifesta no nível das unidades de codificação que linearizam sintaticamente no discurso a estrutura hierarquizada da narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAFE, W. (1977). "The recall and verbalization of past experience". In: R. COLE (ed). *Current issues in linguistic theory*. Bloomington: Indiana University Press.
- _____. (1980). "The deployment of consciousness in the production of narratives". In: *The pear stories: cognitive, cultural and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex.
- GIVÓN, T. (1990). *Syntax - a functional-typological introduction*, vol.II. Philadelphia: J. Benjamins.
- _____. (1991a). *Functionalism and grammar: a prospectus*. University of Oregon.
- _____. (1993). *English grammar: a functional-based introduction, vol I.e II*. Philadelphia: J. Benjamins.
- _____. (1995). *Functionalism and grammar*. Philadelphia: J. Benjamins.
- GOFFMAN, E. (1974). *Frame analysis*. New York: Harper & Row.
- GORSKI, E. (1994). *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras. Tese de doutorado.
- KOCH, I. (org.). (1992). *Cognição, discurso e interação*: Teun A. van Dijk. São Paulo: Contexto.
- PRINCE, E. (1981). "Toward a taxonomy of given/new information". In P. COLE (ed.). *Radical Pragmatics*. New York.
- SCLIAR-CABRAL, L. (1991). *Introdução à psicolinguística*. São Paulo: Ática.
- TOMLIN, R. (1987). "Linguistic reflection of cognitive events". In: R. TOMLIN (ed.). *Coherence and grounding in discourse: typological studies in language*. Philadelphia: J. Benjamins.
- VAN DIJK, T. A. (1985). "Handbook of discourse analysis". In: I. KOCH (org.), 1992.
- _____. (1988). "Models in memory". In: I. KOCH (org.), 1992.
- VAN DIJK, T.A. & KINTSCH, W. (1983). "Strategies of discourse comprehension". In: I. KOCH (org.), 1992.
- WEBBER, B.L.(1981). *Discourse model synthesis: preliminaries to reference*. mimeo.